

Produtividade Industrial : considerações sobre indicadores

Cláudia Andreolo Galvão

NOTA TÉCNICA CITI/NO 23/91

TÍTULO: Produtividade Industrial: considerações sobre indicadores.

AUTOR: Cláudia Andreoli Galvão

Uma nação que aspira fazer parte do grupo dos países desenvolvidos, precisa repensar seu sistema produtivo, mormente numa época em que mesmo países que detêm uma posição privilegiada estudam formas de mudança em seus sistemas produtivos, ou para não perderem espaço para outros países ou ainda para tornar sua posição mais segura.

Dentro deste quadro, e dadas as circunstâncias atuais no Brasil, de um fraco ou negativo desempenho para a maioria dos segmentos industriais em decorrência da crise econômica que permeia os anos oitenta, com estagnação do PIB per capita, elevação da inflação e redução das taxas de investimento, torna-se necessário que o país priorize o desenvolvimento econômico.

E, para os países em desenvolvimento existe uma possibilidade, que nas palavras de Milton Friedman, é o aproveitamento das "janelas de oportunidade", mas para tanto temos que conhecer melhor nosso sistema industrial, nossas oportunidades, saber onde e em que produtos devemos reorganizar o sistema produtivo de forma a dinamizá-lo, torná-lo mais eficiente; procurar novas formas de inserção do trabalho no processo produtivo, com isto tornar a indústria mais competitiva, não apenas com o objetivo de entrar na concorrência internacional, mas também de tornar o produto que é oferecido no mercado interno melhor, mais adequado e mais barato.

Para perseguir estes objetivos faz-se necessária alguma forma de representação e acompanhamento do desempenho do sistema produtivo. Mas só podemos pretender representar algo se conseguirmos um arcabouço que defina propriamente aquele aspecto da realidade. A simples escolha deste ou daquele índice sem maior aprofundamento da realidade

em aprego inviabilizará, ao final, a correta interpretação dos resultados dos mesmos. Esta é uma questão que precede a da escolha do índice para medir produtividade.

Várias discussões teóricas permeiam esta questão, devendo-se então tentar avaliar em que grau elas podem influenciar o fenômeno em aprego:

- a) a produtividade é induzida pela demanda gerada pelo crescimento das exportações (através da concentração dos investimentos nos setores mais competitivos, etc);
- b) a produtividade determina a taxa de crescimento das exportações e é, portanto, independente da demanda externa;
- c) a produtividade é induzida pela competição internacional via pressão para reduzir custos e incentivos para a inovação tecnológica.

Estas diferentes visões do problema de forma alguma esgotam seus diversos ângulos, antes começam a abrir o leque para as posturas técnicas a respeito.

Pode-se usar como proxy da produtividade a produtividade da mão-de-obra, que pode ser medida por um indicador que é a razão entre o valor da produção e a quantidade de trabalho empregado. Este indicador, no entanto, pode levar a conclusões enganosas. Nas palavras de Armando C. Pinheiro e Magdalena L. Espinhal⁽¹⁾ pode-se confundir o aumento na produtividade com a substituição do trabalho por outros fato-

(1) Pinheiro, Armando Castelar e Magdalena Lizardo Espinhal - Metodologia para geração de indicadores de produtividade no âmbito do PBQP. IPEA/RIO, Rio de Janeiro, Abril 1991, pg. 4.

res de produção, seja capital, energia ou bens intermediários, o que leva a comparação da produtividade do trabalho entre setores com relações capital/trabalho distintas a interpretações equivocadas(2).

Ademais, a interpretação de aumentos de produtividade em setores que estão se automatizando mascara o lado não glamoroso deste índice - a perda de empregos foi responsável por cerca de 36% dos acréscimos de produtividade nos Estados Unidos(3). Se vamos aprofundar conceitos de produtividade da mão-de-obra, devemos ter clareza de que a produtividade serve como base do crescimento da renda per capita e assim estaremos centrando a discussão em torno do bem-estar econômico(4).

Um ponto fundamental a considerar é que a produtividade é apenas um dos fatores que afetam a performance da empresa, pois as tendências de produtividade não mostram todas as nuances de como as empresas estão inovando, produzindo e competindo(5).

(2) Em função deste viés estes autores optam pelo uso da produtividade total dos setores, mas alertam para a maior dificuldade de cálculo deste índice por requerer informações mais difíceis de obter.

(3) DERTOUZOS, Michael L., Richard K. Lester and Robert M. Solon. - Made in America - Regaining the Productive Edge. The MIT Commission on Industrial Productivity. MIT Press, Cambridge, 1989. p. 31, capítulo 2.

(4) BRAGA e ROSSI, 1989, p. 3.

(5) DERTOUZOS, Michael L. et alii. op. cit. cap. 2 pg. 32.

Para o monitoramento seguro do progresso econômico a Comissão de Produtividade do MIT(6) adotou o termo Performance Produtiva que é um conceito composto dos índices de produtividade e de todos os outros fatores que em geral são ignorados na maioria das estatísticas econômicas como qualidade; tempo de processamento e entrega dos produtos; flexibilidade; rapidez das inovações e estratégia tecnológica.

Como um índice de produtividade convencional poderia captar as diferenças de visão dos empresários no curto e longo prazo? A título de ilustração cabe relatar as diferenças entre empresários japoneses e americanos a respeito. Enquanto os empresários japoneses agem no curto prazo com visão de longo prazo os americanos sofrem de miopia para o longo prazo. É claro que visões de longo prazo como o emprego vitalício e outras medidas que aprimoram a mão-de-obra, adotadas no Japão não foram adotadas por humanismo mas pela necessidade ditada pela carência de recursos naturais(7).

A atenuante no caso dos empresários americano é o custo do capital. Nos Estados Unidos o capital é escasso, evidenciado por baixas taxas de poupança que levam a altos custos do capital e baixa taxa de investimentos. Na pesquisa do MIT o peso do custo do capital é apontado como causa provável (mas não a única) da visão tendente ao curto prazo dos empresários americanos(8).

(6) Dertouzos, Michael L. et alii, op. cit. cap. 2 pg. 33.

(7) Segundo o texto "Gerência de Desenvolvimento de Recursos Humanos do Japan Productivity centre - Centro de Produtividade do Japão - CPI in: Werneck, Dorothea (org.) - O Movimento de Produtividade no Japão. Brasília. IPEA/CDTI. Abril 1991. pg. 26.

(8) Dertouzos, Michael L. et alii, op. cit. cap. 2 pg. 36.

Aceitas as possíveis justificativas ainda fica a constatação das diferenças de visão dos empresários no curto e no longo prazo. Assim, como poderíamos captar tal efeito?

Índices convencionais de produtividade da mão-de-obra podem até dar uma idéia de importância relativa que os empresários brasileiros dão à utilização da mão-de-obra mas certamente não esclarecem se estes acham que o treinamento da mão-de-obra é um fator decisivo para o avanço dos negócios. Dados da HARVARD BUSINESS REVIEW(9) apontam um percentual de 62% dos alemães, contra 49% dos franceses e 18% dos brasileiros para o peso que o treinamento da mão-de-obra significa para a saúde do processo produtivo.

Ainda que se constate a necessidade de ampliação do conceito de produtividade, não deve-se deixar de lado o alerta dos técnicos do MIT para a inexistência atual de tais indicadores, e para a necessidade de exame da situação dos vários setores industriais caso a caso, ou seja, de observações específicas para a generalização, mormente se adotarmos a constatação que João Furtado(10) fez para as atividades econômicas no Brasil - não existe homogeneidade destas atividades mesmo dentro de cada setor.

(9) Exame - Nº Especial...

(10) Furtado, João. - Produtividade na Indústria Brasileira: Padrões Setoriais e Evolução - 1975-80. Dissertação de Mestrado apresentado ao Instituto de Economia da Universidade de Campinas sobre orientação do Prof. Dr. Mário Luiz Posses. Campinas, Dezembro 1990.

